

Carla Cristina Oliveira de Ávila, natural da cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo, é atual Professora Assistente I do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa (UFV) do Curso de Graduação em Dança e atua nas áreas: danças brasileiras, filosofia e arte, dança e multimídia, memória, arte, cultura e sociedade. *[observação da entrevistada]* “Na minha cadeira mesmo quando eu assinei o contrato tinha Desenho Teatral que é a parte estética do espetáculo”

Carla Ávila é bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas, fez especialização em Psicopedagogia na Universidade São Francisco Campinas (USF) em 1999 e mestrado em Artes pela UNICAMP em 2007.

A bailarina, pesquisadora, intérprete, docente e principalmente artista rizomática e parceira da contemporaneidade (rindo de maneira admirada) Carla Ávila é a entrevistada especial do terceiro número da Revista Contemporâneos do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa, que tem por objetivo retratar a diversidade de uma época dinâmica com identidades fluídas. (olhando entusiasmada)



**\*\*REVISTA \*\*** Tendo em vista que a maioria dos bailarinos que procuram um curso de Graduação em Dança têm uma história de dança e técnica anterior à academia, gostaríamos de saber se com a senhora foi a mesma coisa. Com quantos anos a senhora começou a dançar?

Essa pergunta é bonita... (sorriso apaixonado) Com quantos anos começamos a dançar? Será que existe uma idade em que se começa a dançar? Falando da minha história, acredito que nasci dançando. Minha mãe diz que desde muito pequena (acarícia carinhosamente seu cachorro “Jobim”) diante de qualquer estímulo sonoro eu começava a dançar. Quando íamos à praia no verão, ela me via pulando as ondas, dançando por horas e eu ficava na beira do mar dançando com as ondas. Comecei por influência da minha mãe, pelo fato dela gostar muito de dança. Assim aos 3 anos fui matriculada no *ballet* e encontrei a dança em sua forma mais erudita, [ pausa ] e nunca mais parei. [risos]

**\*\* REVISTA \*\*** Como foi sua trajetória como interprete antes de entrar na Unicamp, em que companhias dançou?

Freqüentei desde muito cedo e durante anos essa academia que minha mãe me colocou quando eu era pequena. Fui crescendo nesta academia de bairro que foi se tornando uma academia muito boa em Campinas. Não era uma academia de elite, pertencia ao subúrbio, a classe média. Não chegava a ser a periferia. (sorriso orgulhoso). Mas mesmo sendo uma academia de bairro, com suas dificuldades, competia nos eventos com as academias grandes, tradicionais e que pertenciam a elite de Campinas. Competíamos com academias como a de Odete Mota Raia, mãe da Cláudia Raia, (olhar admirado) e Lina Penteadó, por exemplo. No período em que eu tinha aproximadamente 13 anos começamos a nos profissionalizar: entrei na companhia dessa academia e começamos a participar de grandes festivais de São Paulo, como o “Sesc Mobil” ou o “ENDA”(Encontro Nacional de Dança). Estávamos em todos esses festivais da década de 80, 90. Para citar um exemplo, estávamos no 1º Festival de Joinville (nos apresentamos do 1º ao 8º), ganhávamos prêmios, fazíamos cursos e assim adquiri experiência nas academias antes de entrar na universidade, até por que eu não pensava em fazer universidade de dança.

**\*\* REVISTA \*\*** Em quais companhias você dançou?

Essa Companhia em que fui crescendo e que foi se profissionalizando a medida que o tempo passava se chamava OPUS DANÇA e Cia foi a primeira, e logo depois em 1992 passei no vestibular da Unicamp. E dentro da graduação em Dança eu e algumas amigas, começamos a estudar, criar pequenas companhias dentro da Universidade. Não eram companhias profissionais no ponto de vista de ganhar grana, mas eram profissionais em termos de trabalho, disciplina, de ensaios. Depois de formada, por distância desses amigos paramos de dançar e criar juntas. Logo depois de formada fui para o exterior, morar por um tempo, e só na volta em 1997 que fui convidada pela \*Isabel Marquês que foi minha professora de graduação da Unicamp, pra compor o Caleidos Dança e Cia, e permaneço 5 anos com a Isabel e as meninas do Caleidos.

**\*\* REVISTA \*\*** Voltando a Unicamp, qual era a estrutura do curso? Era mais Bacharelado ou Licenciatura?

A estrutura até certo ponto na minha leitura era bem parecida com o que oferecemos no Curso de Graduação em Dança aqui na Universidade Federal de Viçosa, apresenta as duas carreiras, licenciatura e bacharelado, bem claras, e cabe ao discente direcionar. No entanto, como as disciplinas oferecidas eram ministradas por docentes bacharéis em dança, acabava que o bacharelado tinha um perfil mais forte, eram esses professores-intérpretes que discutiam a dança no Brasil que compunham o corpo docente do curso. Exceto a Isabel Marquês que foi nossa professora na licenciatura e apresentava a percepção da licenciatura na dança. Mas ela era uma, das 10 (aproximadamente) professoras de licenciatura que tivemos, que era da área da educação e não da área de arte. E isso eu acho que é um diferencial, um privilégio que os discentes em Dança aqui na UFV encontram, nem todos os alunos vêem assim, pois nem todos querem licenciatura, mas aqui os alunos têm 4 anos quase de disciplinas voltadas para a licenciatura. Na Unicamp (eu acho), que apesar de ter os dois curso (bacharelado e licenciatura), as duas carreiras equilibradas, na minha época, tinha um cunho muito mais artístico, mais para o bacharel do que para o licenciado.

**\*\* REVISTA\*\*** Como foram suas experiências fora do Brasil?

A princípio aconteceu a necessidade de sair do Brasil veio pela busca do entendimento da dança e do mundo. Como me formei em 92 e como todo recém graduado, eu não sabia muito bem o que fazer da vida. Queria dominar um idioma. Já estudava francês e inglês havia algum tempo. Pela proximidade com a dança eu escolhi o francês, mas depois descobri que não tinha relação. Fui para a França buscar uma especialização no francês, pensando também em fazer uma pós-graduação na área de arte e terapia, que na época me interessavam muito. Assim eu e uma amiga de graduação, a Juliana Colto, que hoje também é bailarina profissional, partimos em busca de um caminho. Pensamos que precisávamos nos especializar. Mas como e onde vamos nos especializar? Concordamos que começaríamos dominando um idioma. Fomos para a Europa em 1996, recém formadas, e passamos um ano lá, buscando as universidades de dança pela Europa como a *Laban Center*, a Universidade Humana, em Lisboa ou o Centro de Dança da Bélgica.

Nós visitamos todas essas universidades, vendo o perfil de mestrado e pós-graduação que nos agradava e para ver de fato as reais condições das instituições. Naquela época a internet não era tão desenvolvida como hoje. Atualmente os alunos têm muitas facilidades. Nós, ao contrário, tivemos que bater na porta mesmo para falar com os coordenadores dos cursos. Foi muito interessante esse sonho da pós-graduação que acabou virando uma grande peregrinação cultural por esses países. No meio daquele ano decidimos: a pós-graduação que estamos fazendo é peregrinar entre esses diferentes países, é ver essas diferentes culturas, esses diferentes corpos, essas diferentes concepções de mundo, essa relação de não pertença, pois não pertencíamos a nenhum lugar. Claro que pertencíamos ao Brasil, mas ali acordávamos de manhã e nos perguntávamos “aonde vamos hoje?” (olhar saudosos). Essa sensação de liberdade que tínhamos, essa era a não pertença. Assim, em cada lugar que fomos, visitávamos museus e galerias de arte. Fomos assistir alguns espetáculos de dança e eventualmente fazíamos alguns cursos de dança. Essa viagem foi muito mais uma expansão de repertório cultural e político-social do que um processo de dança profissional.

Em 1997, quando retornei ao Brasil, comecei a dançar profissionalmente com a Isabel Marquês, fazendo um trabalho mais sério. Com o *Caleidos* fomos para Lisboa, no Festival de Oeiras de dança moderna. Fomos para o Canadá e dançamos no Brasil todo. Foi uma experiência muito boa poder dançar profissionalmente para essas diversas culturas.

Acervo pessoal, Hawaii



**\*\* REVISTA\*\*** Você morou no Hawai?

Morei. Esse é um terceiro momento da minha relação com o exterior. Dancei cinco anos com a Isabel Marquês e nesse período coordenava um programa de arte e educação em Campinas. Senti que meu tempo ali havia acabado e que eu precisava de algo mais. Pensando assim decidi em 2001, ir embora do Brasil para fazer uma especialização em Inteligências Múltiplas no projeto Zero, que era em Boston, na Universidade de Harvard.

Sabia que seria muito difícil: primeiro porque eu não dominava o inglês; segundo por causa dos preços dos cursos. Mas quando traço uma meta digo que vai ser assim e pronto. Assim fui para Boston. Fiquei um ano e meio lá e devido à bons contatos, acabei chegando ao Hawai, onde fui viver uma outra experiência com a dança. Vivenciei a parte terapêutica aplicada ao corpo: as massagens terapêuticas, estéticas, relaxantes, sempre trabalhando com essa concepção da harmonia, essa concepção holística do relaxamento. Trabalhava naqueles resorts, massageando o corpo e alma das pessoas. Havia uma conexão com o oceano, foi uma experiência muito especial. Nessa ocasião também fiz curso de Yoga, de dança Havaiana, ritual. Tive um contato muito importante com a cultura Hawaiana.

**\*\* REVISTA \*\*** Por que você julgou necessário buscar uma formação acadêmica, se já dançava profissionalmente e tinha um grande conhecimento técnico, tendo em vista que para atuar como profissional de dança no Brasil apenas o DRT já dá o direito?

Ao mesmo tempo em que entrei na Unicamp saiu meu DRT. Assim eu entrei na Universidade já com o DRT, ou seja, já era profissional da Dança. Já tinha passado por todo processo da Royal e já dava aulas de *ballet* para as meninas na escola. Já tinha uma vida profissional ativa, mas não me bastava e eu sabia que precisava buscar novos horizontes. Entrei com 16 anos, era tudo muito novo, muito recente. Minha família maravilhosa sempre me apoiou, principalmente minha mãe que dizia que eu tinha tempo e quando eu me formasse ainda estava em tempo de fazer mais 2 universidades se assim eu desejasse. Minha família era de Campinas, a Unicamp estava ali do meu lado. Não só pelo curso de dança, mas pelo status e pela dimensão de um campus como a Unicamp eu pensei: “Puxa vida, entrar na Unicamp já vai ser legal mesmo se o curso não for grande coisa”. Prestei vestibular também para fisioterapia. Passei e tentei fazer os dois simultaneamente. O curso de dança era integral eo de fisioterapia era meio período. Então pensei: “Meu Deus, o que eu vou fazer?”. Tentei um semestre mas no final do 1º período do curso de Dança falei: “nasci para fazer isso é isso que eu vou fazer da minha vida”.

\*\* REVISTA \*\* Você não teve medo de investir sua formação em um curso pouco conhecido, num país que pouco apoia a arte e pouco reconhece o artista sério

Sou filha de uma pedagoga formada em pedagogia e letras, que lutou pelo movimento estudantil e pelo movimento político dos professores, então desde muito nova eu saía para lutar nas greves com a minha mãe. Nós nos sustentávamos e minha mãe sempre me ensinou que se fizermos alguma coisa de coração, a faremos bem feito e ficará tudo bem. Então não tive dúvida, até porque mesmo eu não sendo profissional graduada naquela época eu já ganhava meu dinheirinho dando aulas de *ballet*. Aos 16 anos já tinha um salário que era suficiente para sustentar meus “luxos”. Dizia a mim mesma: “eu vou conseguir”. Eu sabia que não ia ser rica, mas iria me virar financeiramente. Acredito que as vezes não é um diploma que vai fazer de você uma pessoa bem sucedida, mas o seu trabalho. Eu tinha essa perspectiva positiva por essa herança cultural familiar.



**\*\* REVISTA \*\*** Seu trabalho de conclusão de curso intitulado "O tao e o ensino de *ballet* clássico", colaborou em seu trabalho como professora e interprete? E porque falar de *ballet* clássico se mesmo fundamental para a formação de qualquer intérprete da dança ele é tão criticado e pouco interpretado nas universidades? Esse tema foi um desafio, num território que tanto produz a Dança Contemporânea?

[Risos] Ela diz não lembrar mais disso

Olha que loucura. Eu já tinha até me esquecido desse trabalho, que foi muito fantástico! Imagine uma menina com 20 e pouco anos, saindo da universidade que abriria seus horizontes, discutindo o *ballet* clássico numa perspectiva taoística, discutindo o Yon e o Yang, o equilíbrio, os opostos, e talvez por isso mesmo, por essas características da visão taoística, discutir o *ballet*, também pelo fato de ser negado na academia, (negado não) é uma referência muito forte.

O *ballet* é um estudo de dança sistematizado, é mais fácil criticar algo sistematizado, que existe. Pensemos, porque não há tanta crítica com a Dança Contemporânea? Porque ela ainda não está sistematizada, fechada, e formada em sua completude. O *ballet*, por sua vez, está instaurado. Na minha leitura, é mais fácil criticar algo que já está instaurado. Assim, naquele momento o que faço é começar a estudar essas coisas positivas da perspectiva taoística. Inclusive o trabalho foi orientado pela professora Isabel Marquês, vinculada a disciplina que a mesma ministrava na licenciatura em dança.

Fui analisar várias professoras de *ballet* dando as aulas, para ver como estas lidavam com as diferenças, e assim começo a buscar essa linguagem de diferença mais harmônica, através da visão taoística, da visão chinesa, que instaura a possibilidade de uma vida mais holística, em comunhão com a natureza, mais harmônica...

**\*\* REVISTA\*\*** Como o ballet foi abordado dentro desta perspectiva de equilíbrio do ser humano, yon e yang, visão harmônica, corpo alma, corpo e espiritual,?

No trabalho fiz uma análise crítica levantando questões como, por exemplo, o impasse corporal. Meu corpo sempre foi tecnicamente excelente para a dança clássica: tenho alongamento, colo de pé, tônus muscular. Sempre tive essas qualidades (pré-requisitos) nítidos, mas sempre fui acima do peso. Naquele período não era, mas era uma bailarina com o potencial atlético que o *ballet* clássico exige, excelente vamos dizer assim.

Mas a questão do peso era sempre algo preocupante, “Você tem que emagrecer, você tem que emagrecer”, ouvia constantemente. Por isso começo a questionar, por que não seria possível, lógico temos algumas razões para manter um peso, por exemplo o menisco ou os aspectos fisiológicos. O *ballet* clássico necessita que o bailarino seja leve, sem dúvida.

Mas não há razão para essa neura tão grande. Estou só dando um exemplo de um dos tópicos com que a pesquisa se preocupava. O trabalho também discutia como trabalhar a “cabecinha” dessas alunas de maneira harmoniosa para que elas cuidem do corpo com consciência e não com essa obsessão.

Normalmente criamos alunas anoréxicas por causa dessa pressão que a academia de *ballet* impõe. Em vista disto, começo a discutir essas visões. A obesidade era um dos temas, no que diz respeito à questão do rendimento.

No fim comprovamos que dá para fazer e ensinar o *ballet* holísticamente. Através dessa visão taoística chinesa do universo, que as coisas podem ser harmônicas. Acredito nisso e acredito no *ballet*, apesar das minhas críticas com relação a ele.

[ 00: 27 :07]

Na França, descobri que o Curso de Dança oferecido pela Unicamp tinha sido muito bom. Percebo que é um imaginário, pensar que vamos para o exterior e encontraremos coisas incríveis, não é bem assim, é ilusão mesmo. As coisas que temos e produzimos aqui são boas.

**\*\* REVISTA \*\*** Como foi o trabalho que você desenvolveu junto ao Caleidos Dança e Cia durante 1997 e 2001?

Falei bastante sobre a experiência como bailarina profissional, sou muito grata a Isabel Marquês pelos ensinamentos artísticos profissionais. Hoje estou num processo de aprendizado como docente, mas muita coisa do que sou como docente devo à Isabel Marquês e Inacyra Falcão, que foi minha orientadora agora. Falando do *Caleidos* em específico, fizemos um trabalho com as prefeituras da região de Campinas e do estado de São Paulo em geral, em que fazíamos um trabalho de capacitação com os professores para lidar com o corpo dentro da escola. E isso particularmente foi uma experiência muito importante diante da docência. Tínhamos um trabalho de discussão em grupo onde sentávamos com cada bailarina depois de cada espetáculo e fazíamos uma problematização dos temas das coreografias.

Criávamos projetos com as professoras para elas aplicarem com as crianças e isso abriu meus horizontes sobre a necessidade de ampliar meu repertório, vocabulário, de ter que falar muitos idiomas e de ter que ser capaz.

Nesse tempo de *Caleidos* tive essa proximidade com a dança escola, dança educação, com a arte educação, que ao meu ver são ferramentas de mudança de mundo, de vida. As pessoas precisam da Arte Educação. O Brasil só tem perspectiva de melhora se o corpo ou se as artes entrarem na educação e dialogarem de mãos dadas. Não vejo perspectiva positiva para o Brasil sem esse plano sensível e estético reflexivo que a arte e a filosofia permitem no espaço escolar. Então meu grande ganho no *Caleidos* foi esse tempo com a arte e a educação, sem contar as pessoas maravilhosas com quem eu trabalhei: uma equipe brilhante de bailarinas e a diretora Isabel Marquês. Hoje o grupo de bailarinas-docentes, está em outra instância, em outro ciclo. Metade dele vive de palco e metade vive de docência, e todas são bem sucedidas no que estão fazendo. Acho que isso deve-se ao repertório que criamos naquele tempo.

**\*\* REVISTA \*\*** Sua dissertação de mestrado *Título: Itinerâncias e inter-heranças : do congado na zona da mata mineira ao processo de criação da performance em dança contemporânea*, defendida em 2007, é fruto do seu Grupo de Pesquisa Gengibre, e de seu empenho em mostrar que o saber local é tão importante quanto o acadêmico, fale por favor, sobre a dissertação e sobre o Grupo Gengibre.

Essas são as minhas paixões atuais. A dissertação continua uma paixão, mas já estou me apaixonando por outras paixões, outros espetáculos, mas acredito realmente que a minha dissertação de mestrado foi essa síntese das experiências do espaço vivido aqui na cidade de Viçosa e da Universidade Federal Viçosa, a somatória das disciplinas que ministrei nesse período. Porque discuto muito as questões das Danças Brasileiras (disciplina que ministra) que é meu território de pesquisa, aliei o Desenho Teatral (disciplina que Carla também ministra) porque produzi um espetáculo que foi refletido teoricamente dentro da dissertação.

O espetáculo é “Rosarina Contos que Contam Memórias”, dentro desse processo criativo da plástica do espetáculo, da estética, há uma reflexão filosófica (a entrevistada também ministra Filosofia e Arte) das questões problematizadoras da sociedade contemporânea, questões como o negro na sociedade, o preconceito, as guerras, as relações de poder, relações de domínio. Tudo isso vem para cena no espetáculo, assim articulo, Desenho Teatral, Danças Brasileiras, Filosofia e Arte, somatizando amálgama dessas disciplinas, dialogam com as vivências do meu corpo, com os corpos dos alunos, e os saberes e pesquisas dos alunos integrantes do Gengibre. Alunos da Comunicação, História, Geografia e da Dança, me trazendo também as visões deles ao discutir as questões citadas acima e uma manifestação popular religiosa, o Congado aqui da Zona da Mata Mineira.

É essencial esse coletivo, é um trabalho que transformei em palavras, em texto, mas é coletivo, é da comunidade, são dos meus alunos do Gengibre, da geração de 2004 até 2005.

Há também um vídeo documentário que produzimos coletivamente, que também foi para dissertação, que é fruto da própria comunidade de São José do Triunfo. Seu Dola e Seu Zeca são meus parceiros até hoje. Há várias paixões naquela paixão da dissertação, e acredito que só fazemos as coisas na coletividade, eu não acredito que possamos fazer algo sozinho. Então é isso, minha dissertação é só uma materialização de um sonho, que é também um sonho da Inacyra Falcão que me ensinou e introduziu nesse território “corpo e ancestralidade” das Danças Brasileira.

**\*\* REVISTA \*\*** Quais são os próximos trabalhos cênicos e teóricos do Grupo Gengibre?

Posso contar um pouco, mas ele está em formação pois é fruto de uma coletividade. Não sou só eu que estou encabeçando. Mas graças à Deus, a vida foi me mostrando os caminhos como desbravadora. Gosto de estar à frente de um grupo de pessoas, desbravando os meus próprios caminhos e os deles. Me sinto às vezes uma grande aventureira, ao mesmo tempo uma ermitã, uma mochileira eterna nos caminhos do desconhecido, na criação em dança e cultura.

Moral da história: me dá muito prazer pegar o carro, ir para as grotas das Minas Gerais e encontrar personagens, seres humanos iluminados que me contam suas histórias de vidas, repartem, partilham de seus conhecimentos comigo. Muitas vezes é o que fazemos na academia. Pegamos um ônibus, um avião, e vamos para um congresso na Bahia, por exemplo, e lá vamos ouvir uma pessoa sábia contar as suas experiências de vida. Por isso que eu acho que o saber acadêmico e o saber local, ambos têm a sua importância. Não é porque tenho um papel, um diploma, que sou muito mais importante que outra pessoa. Claro que o diploma me dá um repertório, mas as vezes a pessoa que não o tem, possui outro repertório que também é importante.

E nesse processo de descoberta de conhecimentos acadêmicos e populares, vou me descobrindo também como ser humano e vou descobrindo novos projetos. Atualmente estamos numa parceria, com a Dona Quininha de Ponte Nova, uma senhora que está revigorando o Congado na região de Ponte Nova e é uma mestra da tradição. Ela tem contado suas experiências de vida, seus saberes e estamos tentando transformar isso em um espetáculo, em um Grupo de Pesquisa em Danças Brasileiras vinculado ao Gengibre, que hoje é um Programa, não mais um grupo de pesquisa. Dentro do programa temos extensão, pesquisa, ensino e artes que abraçam esse grupo de dança.

\*\* REVISTA \*\* Você falou em caminhos, o que a trouxe à Viçosa?

A vida! É inexplicável.

Minha comadre querida, sem dúvida, foi quem me deu o passaporte. Não sabia nem onde era Viçosa no mapa. Vim pensando assim: *“Ah, uma universidade de dança, a primeira de Minas Gerais, que legal!”*. Não estava com o projeto de ficar no Brasil, estava prestes a voltar para o Hawai, estava bem lá. Mas ai eu falei: *“Porque não experimentar? Não tenho nenhuma aliança com um território nesse momento, eu sou livre. Se eu quiser ficar aqui eu fico; se eu quiser voltar para o Hawai eu volto”* e foi o que pensei a princípio: *“Vou ficar um semestre, ou um ano como professora substituta, vivenciar essa experiência de ser professora na academia num curso de dança e ver como é isso e se não der certo eu volto para o Hawai”*. Foi uma coisa sem batalha, foi orgânico, harmonioso.

Mas, quando me deparo com essa experiência de ser docente percebo: *“Nossa, é isso que eu quero ser da minha vida e é aqui que eu me realizo”*. Acho que o que me fez ficar aqui em Viçosa foi o fato de eu me encontrar como docente. A vida me proporcionou esse presente de ser uma artista docente.



**\*\* REVISTA \*\*** Recentemente vocês do Programa Gengibre produziram o curta-metragem “Gengibre, resgate da memória do Congado de São José do Triunfo da Zona da Mata Mineira”. Como foi a realização deste projeto?

Como tudo em minha vida, este curta-metragem também foi um presente porque o começamos sem grandes pretensões. Fomos com uma câmera nas mãos e começamos a filmar as falas desses sábios negros, que detêm a conhecimento da tradição de São José do Triunfo, o Sr. Zeca e o Sr. Dola, e nesse processo de filmagem fomos descobrindo que aquelas falas, aqueles saberes eram infinitamente mais profundos do que imaginávamos.

Começamos a visitá-los, tomar café, comer broa, bater papo e descobrimos que a comunidade também estava gostando daquela parceria. Foram dois anos de gravação, de vídeos, conversas, de acompanhamento das festas, dos ensaios das festas, para se materializar no produto.

Produto este que também é parte do esforço imenso da Raquel Rezende, de Lara Linhares e da Patrícia que foram alunas da comunicação e depois viriam a ser membros fundadoras do Gengibre. Elas começaram a ajudar a mim e à Janaína Araújo, que era aluna do curso de dança, e tinha começado a pesquisar o Congada. A Janaína faz um trabalho maravilhoso em sua monografia. Ela decodificou os passos do Congado no Sistema Laban de Notação, resgatando também a cultura daquela comunidade.

Essas alunas da comunicação fizeram sua monografia encima desse vídeo-documentário. Com isso materializamos esse sonho, contando também com a ajuda do Adriano Medeiros que era professor substituto da comunicação e nos ajudou a fazer o vídeo.

Foi um trabalho totalmente coletivo e hoje em dia continua gerando frutos. Cada um de nós continua na mesma área, cada um em seu universo produzindo coisas.

Esse vídeo documentário foi um presente para nós, mas sobretudo para a comunidade, porque eles se legitimam se assistindo. O curta-metragem passou no Curta Minas, da TV Cultura de Minas Gerais, sendo televisionado para o estado inteiro. Recentemente ele esteve no festival de Inverno de Ouro Preto sendo problematizado em uma banca de discussão depois de sua exibição. Para a comunidade foi uma alegria fantástica. Esse vídeo-documentário é só alegria, é o grande baluarte do Grupo Gengibre pois comprova como a coletividade é preciosa.

**\*\* REVISTA\*\*** Então esse seu trabalho de Danças Brasileiras se concretizou entre as montanhas e as broas mineiras ou você já trabalhava com essa intensidade na área de Danças Brasileiras em São Paulo?

Foi muito interessante e muito doído. Eu falo que na minha vida eu tenho uma racionalidade, não uma racionalidade, uma reflexão muito forte. Penso muito sobre os projetos que estou fazendo. Sou minuciosa, perfeccionista nas coisas que faço. Sou detalhista e é esse o aspecto da racionalidade que existe em mim. Tenho uma intuição muito grande e faço as coisas com todo o coração.

E nesse processo entendo que não escolhi as Danças Brasileiras, elas que me escolheram. Eu tenho várias provas de que as danças brasileiras me escolheram e que as comunidades me escolhem diariamente, porque as pessoas podem ou não abrir a porta da casa delas para mim. E graças à Deus onde chego eu sou bem recebida, isso é uma dádiva que recebi da vida. As pessoas me acolhem, me recebem, e se abrem pra mim. Sobretudo acho que inspiro confiança, pois as pessoas se abrem e me contam as histórias de vida, de luta. Foi isso o que aconteceu com as Danças Brasileiras: elas se abriram pra mim.

Quando cheguei nas montanhas, na tradição, no fogão de lenha, no chão de terra, me encontrei. Engraçado que quando eu estava em Maui, pensava muito nesse assunto. Eu falava: “*Esses rituais Hawaianos têm tudo haver com a nossa cultura*”. Tem uma deusa que chama “Pelha”. Na época que eu estava no Hawai mandei um e-mail enorme para Ineicira, que foi minha professora de Danças Brasileiras quando eu estava na Unicamp. No e-mail eu falava: “*Ina, eu lembro tanto de você quando estou aqui no Hawai...*”. Os arquétipos da cultura brasileira que têm nesses ancestrais da cultura afro-religiosidade brasileira, em Xangô, Iansã e Iemanjá, eu via nos arquétipos das deusas das danças Hawaianas. Eu falava: “*É tudo tão diferente, mas é tudo tão igual! O ser humano é uma coisa linda e é linda a cultura que o ser humano produz*”.



Ao mesmo tempo que a cultura é diversa ela fala da mesma essência, das mesmas paixões, dos mesmos medos e ali no Hawai eu já ficava digerindo essa relação com a cultura brasileira, com as Danças Brasileiras. Todas as vezes em que eu saía do Brasil eu refletia a cultura do meu próprio país. Era a possibilidade de ver meu país de fora, então essa experiência no exterior me aproximou do meu próprio país, me fez repensar, fez querer estar aqui.

Quando cheguei aqui em Viçosa e passei a não ter acesso a quase nada da cultura erudita, descobri que ao meu redor há um mundo de cultura popular que está se perdendo ou que não está se perdendo, mas que não foi registrada.

Por isso costumo dizer que talvez minha missão seja estar aqui, nesse momento, não sei até quando, mas sei que neste momento da minha vida estou no caminho certo, fazendo o que tenho que fazer e acho que foram as Danças Brasileiras que abriram estes caminhos para mim.

No próprio mestrado isso aconteceu. Quando mandei meu projeto de mestrado eu ainda era professora substituta aqui, não era efetiva, ou seja, iria acabar meu contrato aqui e voltaria para casa em Campinas e como eu não tinha achado nenhuma professora mandei o projeto sem nome de nenhum professor. Geralmente quando o candidato a vaga não coloca nenhum nome de orientador este não é aprovado e o projeto não é nem selecionado.

No entanto meu projeto caiu nas mãos da Graziela Rodrigues e da Inacira, que são as professoras de Danças Brasileiras da Unicamp, e por graças à vida, elas lembraram de mim: “*É a Carla, a Carlinha, a Carla Ávila*”. A Ina tem a gentileza de lembrar de mim e falar: “*Vamos dar uma chance, fazer uma entrevista com essa aluna para ver se é ela mesmo*”. O projeto já era de Danças Brasileiras com esse diálogo com a contemporaneidade, que é exatamente o que fazemos no Gengibre. O projeto de mestrado mudou muito depois que foi aprovado, mas continuou nesse território.

Sem dúvida foi Minas que me deu o presente das Danças Brasileiras. Sempre tive um pé nelas, mas nunca achei que meu futuro não era aí.

**\*\* REVISTA \*\*** Como foi seu encontro com as Danças Brasileiras na graduação? Como foi essa vivência em seu corpo, tendo em vista que sua formação anterior que era em Ballet Clássico?

Foi mágico, foi uma experiência transcendente. Eu falei: *“Existe uma dança que me dá tanta alegria tanto prazer, que é completamente diferente da outra que me dá prazer”*, só que essa eu sentia um poder muito grande, um poder de dançar uma dança que era minha, em que eu contava a minha história, a minha ancestralidade.

E esse “contar minha própria história” foi muito forte porque no meu primeiro trabalho de Danças Brasileiras fiz a pesquisa de uma lavadeira, e a dancei. Aquele trabalho ficou associado à minha pessoa,. Todas as pessoas que me viam na Unicamp falavam *“Olha a lavadeira!”*. Sabe aquele trabalho que você dança muitas vezes? Esse foi assim, acho que as Danças Brasileiras naquele momento já me marcaram, fiquei com aquele estigma e identificação com aquele tipo de dança. Marcou também para a Ina e para a Grazi, que foi minha professora na graduação. A Ina me acompanhou e falou: *“Nossa Carla, você entende o que eu estou falando, consegue absorver o conteúdo e vejo no seu corpo o que é ensinado na teoria”*.

Nesse primeiro encontro com a disciplina, na Unicamp, já era muito claro que as danças brasileiras eram um caminho a ser seguido, mas como sempre eu quero seguir vários caminhos.

**\*\* REVISTA \*\*** E um desses caminhos é Capoeira Alternativa da UFV. Como é seu trabalho com ele?

A capoeira é uma paixão nova, na verdade sou apenas a facilitadora. A capoeira já está aí há tanto tempo e o mais importante dessa parceria é que a capoeira está me ajudando a resignificar, não só para mim, mas para meus alunos. Sobretudo porque a dança às vezes esquece essa cultura popular e esquece que a dança enquanto manifestação corporal, cultural, estética também está no local, no regional, no popular, e assim às vezes ficamos naquela saga dentro do curso de fazer Dança Contemporânea, Ballet, e nos esquecemos que numa manifestação tão cotidiana, brasileira, pois sabemos que a capoeira está em todos os lugares, nós não a valorizamos.

Estou ali muito mais como facilitadora para os alunos da dança que estão tendo maior contato com a capoeira e para o pessoal da capoeira que encontrou um espaço que estava sendo negado, por que eles não tinham um espaço para treinar. Eles treinavam no Recanto das Cigarras e na época eles vieram me procurar. Assim o prédio da dança faz essa gentileza, não eu, mas o curso de dança acolhe esses meninos. Portanto, tenho o privilégio de ser só a facilitadora, e estou muito feliz, porque acho muito bonito o que esses meninos fazem.

**\*\* REVISTA \*\*** Você falou da capoeira que é uma manifestação local e muito recorrente no Brasil. Gostaríamos de saber sua opinião sobre o Axé e o Funk. E porque o axé, o funk e outras manifestações nacionais, não são parte do repertório de Danças Brasileiras e Folclóricas de um Curso Acadêmico de Dança?

Acho maravilhoso, que o Axé e o Funk que já têm seu espaço na cultura do Brasil, quero dizer, espaço identitário, sejam manifestações legitimadas em solo brasileiro. Admiro e valorizo muito.

O curso de Danças Brasileiras tem três semestres e não consigo dar conta dos conteúdos teórico- práticos da disciplina, que é contemplar a cultura do Brasil, o folclore das regiões e o folclore já instaurado pelo território brasileiro, como exemplo das danças típicas.

Mas acho que elas permeiam as aulas, porque estão no corpo dos alunos. Os alunos chegam com isso já inseridos em seus corpos, acho isso muito gostoso porque fazemos uma ponte, nos levam a repensar questões, por exemplo, o Axé, que era produzido na década de 80 e o que é produzido hoje, sobre o que essas músicas falam. Pensando assim, de um jeito ou de outro acabam vindo para a disciplina. O Axé e o Funk permeiam, cruzam a disciplina mas não são um tópico da disciplina por conta dessa falta de tempo de se pensar.

Não tenho nada contra, muito pelo contrário, mas eles deveriam ser bem trabalhados, tem que ser pensados. Acho que falta tempo para ver como está na indústria cultural, como está nessa massificação, porque se olharmos a origem da batida do Funk tem tudo a ver com Lundu, com os toques de terreiros. A matriz está ali e é estudada no curso, mas foi modificada, compilada, sistematizada milhões de vezes para chegar no que o Funk e o Axé reproduzem hoje. Mas você vê a matriz ancestral naquelas músicas, assim é um exemplo muito fácil para fazer essa associação dessa ancestralidade do povo africano que veio para o Brasil e se hibridizou aqui.

**\*\* REVISTA \*\*** Além do excelente trabalho com Danças Brasileiras, você ministra a disciplina Filosofia e Arte. Como é o trabalho desenvolvido? É voltado só para a Dança? E qual a importância dessa disciplina no curso?

Sabemos que o curso não tem professores suficientes e Filosofia era uma disciplina que ninguém queria ministrar, inclusive eu. Nunca tive uma disciplina desta na universidade, mas sempre gostei muito de Filosofia e Arte. Com aquela história de “desbravadora”, que aceita desafios. Foi difícil e é difícil ainda. Estudo muito para dar essa disciplina, me debruço em cima de livros, leio e assisto vídeos.

Nesse processo de estudar fui descobrindo coisas e fazendo relações com a dança. Na verdade esse cunho de diálogo com a dança existe porque decidi que as alunas só iriam entender do que eu estava falando se eu me aproximasse do universo delas, se não ficaria muito difícil. Se pra mim já era difícil porque tinha um repertório mais amplo do que as minhas alunas, imagine para elas? Então criei módulos, sistematizei a metodologia dessa disciplina aproximando mais do corpo, das questões ligadas à ele. As professoras que criaram a ementa tinham essa preocupação com o diálogo entre as artes e no caso da dança, mas não existia essa questão prática no programa, pois eu exijo dos alunos um trabalho teórico prático no final e nesse processo então eu consegui aproximar a filosofia da prática do corpo e é nesse momento que as fichas caem, os alunos saem dessa disciplina entendendo o objetivo da disciplina. Eu amo essa disciplina. É engraçado pois quando estamos brigando por vaga para professor para o curso, sempre falo: “*Não! Filosofia e arte não, espera um pouquinho*” porque quero continuar ministrando-a. Tenho até pensado em doutorado nessa área, de tanto que gosto. Foi outro presente em minha vida intenção em ministrar essa disciplina.

É ai que entra a questão do repertório, que já enfatizei, e vejo como tudo é rizomatizado mesmo, pois quando fui para a Europa pela primeira vez, e visitei todos os museus, as galerias, o Louvre, eu problematizei aquelas obras de arte. E quando venho ministrar essa disciplina, todos aqueles repertórios que aprendi nas viagens pela Europa e mesmo no tempo nos Estados Unidos, esses repertórios vêm para a superfície da minha experiência e se materializam na teoria da aula. Me vejo muitas vezes dando aula, e falo: “*Olha, essas fotos são da minha viagem!*” com as análises que eu tinha feito na época e que os autores legitimam nas falas deles em seus livros e artigos. Portanto, me sinto segura dando essa disciplina, gosto muito.

**\*\* REVISTA \*\*** Sabemos que as Universidades Federais e Estaduais, apresentam problemas financeiros e os cursos da área de humanas sofrem mais, e o que muito ocorre é a pluralidade de funções de um professor. Você ministra outras disciplinas? Quais são? Você acha que isso prejudica a formação dos alunos?

Esse papo que acabamos de fazer sobre Filosofia e Arte já responde em parte, pois imagine se os alunos tivessem aula com um especialista em Filosofia e Arte? sinto que os alunos entram no curso com um preconceito. Não estou generalizando, tem alunos que amam filosofia. Estou dando essa disciplina há 4 anos, já trabalhei com 4 ou 5 turmas. Tirando a média, a maioria das turmas que chegam detestam e os alunos chegam com uma antipatia para com a disciplina e saem gostando. Isso me realiza, mas não sou especialista. Me sinto especialista em Danças Brasileiras. Com o empenho que tenho colocado nessa disciplina, Filosofia e Arte, em 5 anos, me sinto segura em ministrá-la, mas pensando em tantas outras, Imagem e Vídeo, que já dei e que também adoro, então são dois lados, acho que tudo na vida é o tao, tem a sua pluralidade ao mesmo tempo que alunos ganham e nós ganhamos, porque o professor aprende muito.

Mas também os alunos têm sorte, porque os professores do curso são muito responsáveis. Sinto que todas as minhas colegas se preocupam assim como eu em estudar muito para não deixar a desejar. Mesmo não sendo as nossas cadeiras nos esforçamos para dar um curso a altura. Mas é claro que os alunos saem perdendo porque estão tendo aulas com pessoas que não são especialistas no assunto, o que por um lado é interessante, já que só conseguimos fazer essa ponte da disciplina Filosofia e Arte com a Dança porque eu não tinha tanta bagagem na parte filosófica, e ai fui unificando, e acho que alunos saem com o desejo de continuar pesquisando esse tema por conta dessas problematizações que talvez um especialista em filosofia não faria, então tem os dois lados da moeda.

Pensando em qualidade de vida para o professor não dá para ser assim. A coisa tem que ser muito mais organizada, é um peso, uma responsabilidade muito grande para o docente, nos desgastamos muito nesse “Bombрил”, mil e uma utilidades, não dá para ser assim, e imagine se eu tivesse aplicando esse empenho que coloquei em outras disciplinas que não são da minha área ou se pudesse com aquele tempo estar aprofundando na minha e visse versa.

Acho que os alunos têm que lutar por uma excelência de ensino, coisa que infelizmente hoje, por melhor que eu e as minhas colegas tentamos ser, não somos deuses e temos limitações também. Peguei Filosofia e Arte porque sabia que iria dar conta. Peguei Imagem e Vídeo porque sabia que de um jeito ou de outro eu cobriria, mas se alguém me desse alguma disciplina, que talvez eu não soubesse dar? Não dá para ser multi-uso assim.

**\*\* REVISTA \*\*** Há muito preconceito com relação ao Curso de Graduação em Dança? Isso é intensificado na instituição que você trabalha por ser um universidade de perfil agrário?

Não sei, tenho procurado não usar da rotulação. É verdade que há preconceito, mas foi o que você falou no começo da entrevista: há preconceito com relação a todos os cursos. Dentro deste contexto, mais do que preconceito, acho que somos incompreendidos. Muitas pessoas não entendem o que é o Curso de Dança, não entendem a dimensão, a função, não sabem os conteúdos, não entendem em que o graduado em Dança sai habilitado na área de dança.

Mas também trabalho com o racismo, com as questões com relação a afro- descendência. Com isso observei que as pessoas excluem, ignoram, criam essa questão de preconceito por falta de informação, de repertório, com medo de conhecer o desconhecido, e nesse movimento de medo, as pessoas criam um preconceito.

Então, existe preconceito com relação ao curso? Existe, mas temos que legitimar esse espaço contando para as pessoas o que é o Curso de Dança, saindo dos guetos, dos quadrados, transcendendo enquanto representantes do curso (alunos e professores). Temos que ir para as ruas, mostrar o que a nossa arte é capaz, para que as pessoas entendam o papel que temos aqui dentro. Porque desde 1992 quando eu fiz o Curso de Dança em Campinas que ouço: “*Você faz dança, você aprende forró?!*” e isso já deu pra mim.

Está na hora de assumirmos outra postura, outro movimento, vamos nos apropriar da dança e falar: “Olha, ela dialoga com a história, com geografia, com as exatas, com a agronomia”. Trabalhamos com cultura e a cultura esta em toda a sociedade, em todos os planos dela.

[36:44]

**\*\*REVISTA \*\*** Como se sente em relação ao curso oferecido pela UFV, com relação a qualidade do curso, as potencialidades e necessidades do curso comparado a outros no Brasil?

Sou suspeita para falar. Tenho plena consciencia que eu e minhas colegas docentes do curso, nós todas damos o melhor que temos. Realmente não vejo aqui no curso ninguém fazendo corpo mole, somos apaixonadas. O artista tem essa característica: ele se entrega nas obras que faz e participa, e o curso de graduação em dança da UFV é uma grande obra concebida pela \*Teinha e a \*\*Alba, mas que todo mundo comprou à medida em que aceitamos o desafio de morar em Viçosa e entrar em uma Universidade de cunho agrário. Abraçamos e amamos a idéia, estamos inteiras lutando pelo curso, pela melhoria do mesmo, repensando semanalmente, semestralmente o que queremos para o curso.

Tendo em vista esse potencial humano e profissional presente no Curso, é nítido que ele só tem muito a crescer, mas é um curso muito bom, sou suspeita para falar, mas nossas alunas estão entrando o mercado de trabalho com uma competência enorme. Estão entrando nas prefeituras, secretarias de cultura, na vida acadêmica. Temos algumas fazendo mestrado na UFBA (Universidade Federal da Bahia) na Unicamp, temos uma ex-aluna que é professora substituta na UFBA. É muito legal saber que contribuimos para a formação desses profissionais. É o primeiro Curso de Dança de Minas Gerais, pode ser rótulo mas é esse papel de desbravar que, por ser o primeiro de Minas, o curso aqui carrega. Estamos abrindo o caminho em meio ao desconhecido, nessa mata fechada, da compreensão do que é Dança aqui dentro do ambiente acadêmico. E, sobretudo, eu acredito muito no Curso.

---



**\*\* REVISTA \*\*** Você acredita que há um diferencial dentro do Curso?

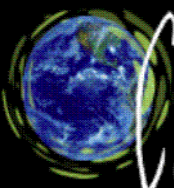
Acredito que há um diferencial sim, tudo na vida tem um diferencial. E aqui não é diferente, estamos distante dos grandes centros, entendo que é muito distante, mesmo com a tecnologia. Mesmo com os grandes automóveis e meios de locomoção nós estamos distanciados e em termos do que a sociedade oferece de cultura aqui na região é tudo muito carente, então o curso tem esse diferencial. Podemos fazer desse diferencial o que quisermos ou uma grande potência de criação de gestação de projetos lindíssimos, ou uma apatia, então cada um faz o que quer da matéria prima que temos, e há muita matéria prima na região para criarmos, a própria natureza, as pessoas, a cultura popular, tem muita cultura popular na área das Danças Brasileiras que podem ser desbravadas, então tem um diferencial sim, acho citei alguns deles.

**\*\* REVISTA \*\*** Diante de tantas possibilidades e de tantos projetos que você coordena e participa, você acredita estar cumprindo o papel de arte-educadora, artista, docente?

Sim, acredito sim, uma das coisas que me fez voltar para o Brasil foi um desses incômodos que me rondavam, sou filha da classe média baixa, filha de educadores, que batalharam muito para as questões humanitárias, e ai eu estava fora do meu país fazendo massagem na aristocracia dominante do planeta, parei e falei: *“Opa, espera ai!”*. Estudei em escolas públicas a vida toda. Eu falava: *“Não, eu tenho que contribuir com a sociedade que eu pertença”* e aquilo me incomodava, apesar de estar ganhando muito bem, ter uma vida confortável, morava em frente ao oceano, nadava no mar todos os dias, que eu adoro, muito conforto, mas aquilo não me preenchia e aqui em Viçosa apesar das ausências da família, do conforto, não é o conforto financeiro, o conforto afetivo mesmo eu me realizo com esses projetos.

Aqui tenho consciência que tenho feito meu melhor, não só como profissional, mas como cidadã. Como ser humano e cidadã e o objetivo é devolver mesmo para a sociedade brasileira o que ela me presenteou. Quando fico tensa nas aulas eu falo para meus alunos: *“Vocês não pagam essa universidade, é o povo brasileiro que está pagando”*, e tem gente que fica dormindo na sala de aula. Levando isso em conta sou uma professora chata com a presença. O aluno tem que ter consciência que é um grande privilégio estudar numa universidade pública no Brasil, e ainda mais num curso de Dança.





### Arte- Educadora



Interprete

Acervo Pessoal Carla Ávila



**\*\* REVISTA \*\*** *Quem você considera o expoente na arte no Brasil? Por quê?*

Tenho um amigo que se chama Marcelo Moscheta, é um artista plástico, que fez graduação na mesma época que eu e que pensa a arte de uma maneira muito linda, poética. Não só por ter visto o crescimento dele, mas por ele estar aí nas grandes galerias, nos grandes eventos das artes visuais, acho que é isso, pois o grande expoente não necessariamente está na mídia, mesmo o Marcelo estando parcialmente. Ele tem um projeto muito legal, numa galeria de arte em Campinas, em que eles trazem as pessoas comuns para fazer e pensar filosoficamente a arte, então a concepção artística dele é muito interessante, e esse pensar e refletir a arte é o que aprendo com ele e tento trazer para o meu trabalho.

Acho que o Marcelinho, que é como o chamo carinhosamente, se tornou um expoente. A arte não pode se distanciar do ser humano, acho que este expoente tem que ser a somatória do holístico, do tao.

Eu falei das artes visuais. Na dança, se tivesse que falar de alguém, eu gosto muito do trabalho do Nóbrega, mas sou suspeita para falar dele e o Nóbrega já não é tão expoente. Tem a Lara Machado, ela é professora de Danças Brasileiras da Unicamp, é uma pessoa próxima que está no meu grupo de pesquisa Rituais e Linguagens na Unicamp com Inacira Falcão, e é capoeirista, é mestra de capoeira e bailarina, formada em Dança pela Unicamp, mestra e doutoranda agora e faz um trabalho seríssimo em Arte Educação e Sociedade sobre a perspectiva do Brasil das matrizes brasileiras. Ela para mim é um grande nome, uma pessoa em que me inspiro, gosto muito da Larinha.

## \*\* REVISTA \*\* E na dança Contemporânea?

Pelo caráter múltiplo, rizomático da Dança Contemporânea, entendo que não dá para falar um nome só, não vejo a Dança Contemporânea como uma única linguagem, são muitas linguagens, muitas mesmo, e não sei se são os nomes, é o coletivo que faz o trabalho. O Baseha tem feito um trabalho muito bonito. Minhas alunas que me trouxeram o nome deles. É uma companhia de Brasília, mas não são todos os trabalhos que gosto. O Grupo Corpo também já é um trabalho antigo que tem coisas que amo, mas tem algumas coisas que não rolam. Acho que não há um perfil único.

As “Escaravelhas”, são pessoas do meu meio que estão no mercado cultural, mas ainda estão tirando o corpo da indústria cultural da dança. A Companhia se chama “Grupo das Escaravelhas”, formada por ex- alunas da Isabel Marquês na graduação, dançaram no Caleidos e cada uma seguiu seu caminho, e isso que é o legal, porque elas são bailarinas que já saíram dos moldes físico, que continuam dançando muito bem. São pessoas acima dos 30, que criam outras coisas, isso é muito legal, outro paradigma da dança, e pra mim isso é dança Contemporânea. O Corpo não é um bom exemplo, só citei para vocês entenderem que gosto de alguns trabalhos e é por isso que não tenho um nome específico. Não é gueto, não quero falar pensando num gueto. É natural que eu pense que essas pessoas que acompanho o crescimento e vejo a arte reflexiva que elas estão criando como um trabalho inspirador.

**\*\* REVISTA \*\*** O que você diria às pessoas que querem prestar Dança, mas têm medo ou algum tipo de receio da profissão e do mercado de trabalho?

Acho que um aluno que vem fazer dança na academia vem pensar a criação e o movimento dele e esse aluno tem que criar, tem que continuar criando para poder continuar pensando. A pessoa que vem fazer o Curso de Dança tem que vir com o coração, corpo e a mente abertos para receber essa dádiva que é conhecer e ampliar seu repertório cultural. Sinto que às vezes os alunos vêm com muito preconceito, chegam aqui e acham que vão para um grande corpo de baile, para uma grande companhia, mas na verdade vão fazer aulas de manhã, a tarde e a noite e não é bem as aulas que eles idealizaram.

E as vezes os alunos vão tendo um pré-conceito com isso, falam: “*Laban, ai que saco!*” e eles não se abrem para ir além da disciplina. Acho que todo conteúdo é válido, até aqueles onde você fala: “*Nossa, não quero trabalhar nunca com isso na minha vida*”. Você estará ampliando seu repertório e isso é essencial. O conselho que dou é: venham abertos para o máximo de experiências e para experimentar o máximo de vivências.

*Agradece a imensa colaboração  
da Bailarina Carla Ávila*

